DEZEMBRO DE 2021 N. 15

A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)

Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

"Sendo isto. Ao doido doideras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. (...) O que muito lhe agradeço é sua fineza de atenção." Guimarães Rosa- Grande Sertão: Veredas.

Último boletim de 2021 e este Projeto de Extensão, que insiste em querer preservar História e Memória da Educação - ainda que seja higienizando e guardando uma fonte em potencial de cada vez - vem desejar às nossas leitoras e leitores que silenciem um minutinho só, que parem de ouvir e tentem escutar. Os ouvidos estão cansados, viciados, saturados. Apertados por headfones, raptados pelos sons da cidade, recebendo mais do que o suportável.

NESTE NÚMERO

FONTES ORAIS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

FONTES ORAIS E HISTÓRIA ORAL

MUSEUS PEDAGÓGICOS NO ESPAÇO VIRTUAL

MUSEUS PEDAGÓGICOS QUE PODEM SER VISITADOS NA INTERNET

No fim do dia os ouvidos não descansam, o zumbido residual vem dormir conosco, preenchendo qualquer vazio. Mas é ali, no vago desse espaço, que mora a escuta, que parece acontecer no ouvido mas é coisa em outra dimensão: acontece na atenção, na razão e na emoção.

Convidamos você a escutar alguém com atenção. Não haveria uma história de veredas e sertões se o compadre Quelemém de Góis não tivesse se dedicado à escuta das memórias de Riobaldo. Tudo aquilo que viveu se daria por perdido. Não haveria muitas curas e autoconhecimento sem a escuta especializada dos analistas. Não haveria muita História e Memória sem a escuta dedicada, metódica e sensível dos historiadores. E não haveria laços sem a escuta receptiva, acolhedora e interessada de um amigo, uma amiga.

Neste Boletim, o tema são as fontes orais, um tipo de fonte muito específica e que pode ser essencial para algumas pesquisas em História da Educação, conforme o objeto, o recorte temporal, e o problema abordado. Para além dos depoimentos serem compreendidos como fonte histórica, e pensando no final do ano, aproveitamos para também pensar na importância da conversa, da reunião familiar ou com nossas amizades, para trocar ideias, lembranças, afeto.

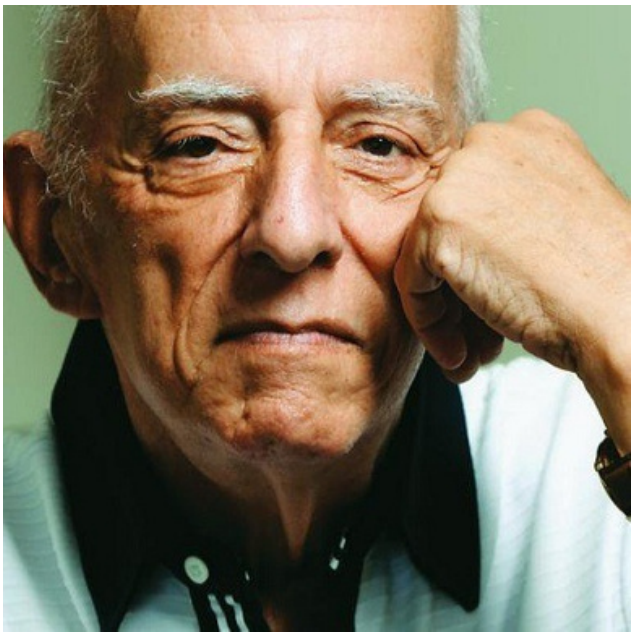
Desejamos que este possa ser um final de ano e início do próximo, com muitos cuidados ainda, mas já como prenúncio de superação de um desafio grande que vencemos em parte. Um ano novo de muita união, alegria, trabalho... e esperança!

DIVULGAÇÃO

SUGESTÕES PARA AS FÉRIAS

Pensando na escuta e nas fontes orais trazemos algumas sugestões de vídeos e atividades, para distração (e reflexão, também) neste período de férias...

I - Que tal a ideia de um curso de "Escutatória" em vez de um de "oratória"? Essa é a provocação de Rubem Alves neste bom e velho texto que sempre tem muito a dizer, se a gente se permite escutar:
http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/escutatoria.pdf



Rubem Alves

II- Sobre a questão de memória e História, representações, narrativas, fontes orais, sugerimos o filme Os narradores de Javé (2003), que além de ser uma história linda e premiada mundo afora, com certeza poderá inspirar muitos usos em sala de aula, como já é feito hoje, na área de História...

Cena de: "Os Narradores de Javé (2003)

Abaixo, sugestões de leitura sobre o filme:

ALMEIDA, Matheus. Memória popular para evitar o desterro coletivo. Disponível em https://outraspalavra.net/poeticas/memoria-popular-para-evitar-o-desterro-coletivo/

FONSECA, Luciana A. O jogo dos vestígios: narrador, experiência e memória a partir de Narradores de Javé. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social . UFMG, 2009. Disponível em https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8LYK79/1/dissertacao_jogodosvestigios_final.pdf

SANTOS, Fabrício. Trabalhando o filme Narradores de Javé. Disponível em https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/trabalhando-filme-narradores-jave.htm

VAZ, Ana Paula Remingio. Narradores de Javé: Analfabetismo, Cultura e Memória. Revista do NESEF, 2018. Disponível em http://www.educacao.ufpr.br/portal/nesef/wp-content/uploads/sites/10/2018/10/Revista-NESEF-jan-jun.-2018-Narradores-de-Jav%C3%A9-Analfabetismo-Cultura-e-Mem%C3%B3ria.pdf

FONTES ORAIS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

PROPONENTE PRINCIPAL DESTE MATERIAL: CARLOS WILSON DE LIMA

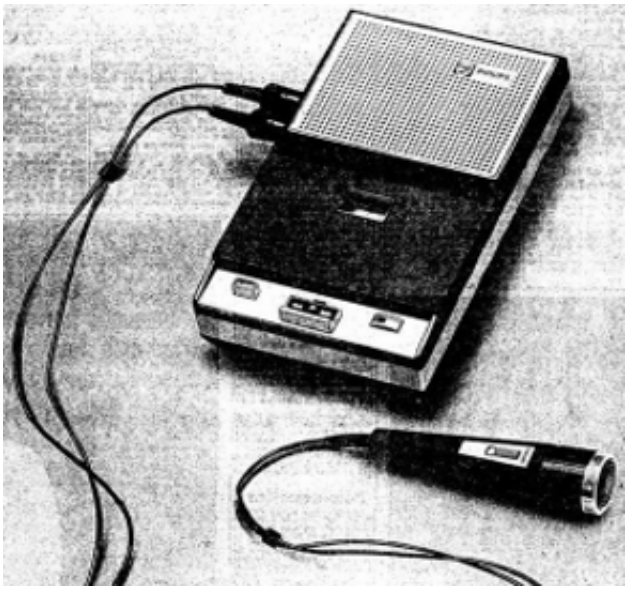
Muito antes do surgimento da escrita, as pessoas passavam seus conhecimentos para os outros através da oralidade, pois a memória auditiva e visual, eram seus recursos para transmissão das suas aprendizagens para os próximos.

Com a invenção da escrita, mesmo rudimentar como a utilizada pelos povos sumérios, seus conhecimentos passaram a ser registrados, e passou-se por um longo processo até a escrita que conhecemos hoje.

Porém, com o advento dos gravadores e das fitas cassete (K-7), uma nova possibilidade de registro tornou-se possível, por meio da utilização das fontes orais, que utilizam a gravação de entrevistas/depoimentos com pessoas que presenciaram fatos em outras épocas.

Muitos de nós, lembramos da febre que foram os gravadores portáteis, por meio do qual gravávamos e escutávamos músicas e fazíamos "entrevistas" com os familiares por pura diversão. Nem nos dávamos conta que já estávamos registrando as fontes orais do nosso cotidiano.

Abaixo, a foto de um gravador portátil retirado de um anúncio comercial que foi veiculado em alguns jornais impressos no ano de 1967.



Gravador portátil com microfone, do final da década de 60. Fonte: Propagandas Históricas.

Porém, a utilização das fontes orais como a conhecemos hoje, para uso em pesquisas da História e da História da Educação, passou por um longo percurso.

No presente Boletim, apresentamos uma breve diferenciação entre fontes orais e a História Oral, algumas reflexões sobre a utilização das fontes orais, e as fontes orais como uma das possibilidades de fontes para pesquisas em História da Educação.

Esperamos que a sua leitura contribua com novos olhares e reflexões para a utilização das fontes orais e a escrita da História da Educação. Vamos começar?

FONTES ORAIS E HISTÓRIA ORAL

As fontes orais sempre estiveram presentes nas pesquisas da Antropologia e mais tarde passaram a fazer parte do arsenal metodológico de outras ciências como as Ciências Sociais e a História, por exemplo.

Para Alberti (2019), o ano de 1958 é considerado o marco inicial da História Oral (HO), pois nesse ano, quando foi inventado o gravador a fita, formou-se o Columbia University Oral Research Office, programa de História Oral da Universidade de Columbia.

A HO passou por diversas gerações desde a década de 50 (1ª geração), e no Brasil, no ano de 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) com pesquisadores das mais variadas áreas como história, ciências sociais, educação, etc.

A ABHO promove a cada dois anos encontros nacionais e regionais de História Oral, congregando diferentes tendências e possibilidades de aplicação da HO. Maiores informações podem ser obtidas no site da Associação: https://www.historiaoral.org.br/

Página inicial da ABHO. Fonte: https://www.historiaoral.org.br/

Porém, História Oral e fontes orais não são sinônimos. Toda História Oral usa a fonte oral, mas nem toda fonte oral é produzida a partir da metodologia da História Oral.

Fazer História Oral não é pegar um gravador e sair por aí pedindo que as pessoas relatem a sua vida. É preciso um projeto de pesquisa, capaz de responder a perguntas como: quem e como entrevistar? Quantas entrevistas serão necessárias? O que fazer com as entrevistas? (ALBERTI, 2020, p. 39).

Verena Alberti define História Oral como “um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de um tema” (1990, p.VII), remetendo mais a um acervo organizado. Em geral, a História Oral envolve histórias de vida, algo mais abrangente, como o que é feito no Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, talvez o mais antigo e consolidado do país, existente desde 1975.

Página inicial do CPDOC: Fonte: http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais

Já as fontes orais, a partir de várias perguntas como as indicadas acima, são uma narrativa na qual a entrevista é conduzida e registrada sobre um dado tema, com foco menos abrangente do que na História Oral, registro que permite reflexões por parte do pesquisador, que também é co-partícipe na produção, na medida por exemplo em que faz um roteiro.

Assim, em geral, em História da Educação, temos o uso da fonte oral, como uma das várias fontes utilizadas para uma pesquisa, mas é difícil haver alguma pesquisa neste campo, desenvolvida conforme a proposta de Alberti, de História Oral.

Como aponta Bello (2013), o uso das fontes orais nem sempre foi considerado válido por historiadores, e foi ganhando legitimidade no contexto dos debates por novas formas de fazer História, como veremos a seguir.

FONTES ORAIS: ALGUMAS REFLEXÕES

Uma das contribuições ao trabalho historiográfico pela École des Annales de acordo com Vidal, foi o alargamento da noção de documento histórico, ou seja, “tudo aquilo que contava sobre o homem e sua atividade no mundo passou a ser considerado como testemunho de vida” (VIDAL, 1998, p. 4).

As fontes orais permitem rememorar ou são rememorações, são registros que permitem que acessemos essas memórias, histórias de vida, experiências, aprendizados, significados de outras épocas vividas. Para Esquisani (2012) os fatos narrados não são como as fontes documentais, que ficam dispostas à espera do pesquisador, mas são fragmentos de memória, retalhos descontínuos, decompostos, que por meio da narrativa, ganham forma e consistência.

Portanto, os narradores vivenciaram (ou tiveram notícias sobre) os fatos e são sujeitos da investigação. Já os pesquisadores não vivenciaram o episódio, o fato, etc, mas desejam atribuir um valor científico a esses fatos vivenciados pelos narradores. Nesse sentido, Le Goff (1992, p. 477) ressalta que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Há uma interrelação entre História e Memória, o que também é abordado por autores como Pierre Nora (1998).

Quando utilizamos a memória como fonte ou como objeto de pesquisa é preciso reconhecer suas especificidades, pois se pode lembrar ou esquecer, ou até mesmo reconfigurar certos aspectos de nosso passado pessoal ou do coletivo ao qual pertencemos, considerando as configurações do presente, como destacam autores como Pollack (1989) e Errante (2000).

Uma ótima dica sobre as diferenças e interrelações entre História e Memória é o Boletim A Traça n.9, REGISTROS E MEMÓRIAS DOS TEMPOS DA ESCOLA COMO FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, de junho de 2021, elaborado por Nadia G. Gonçalves, disponível em: http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2021/06/Boletim-A-Tra%C3%A7a-n-9-2.pdf

FONTES ORAIS E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Teixeira e Otto (2019) consideram que a produção de fontes orais como metodologia de pesquisa é indissociável de uma discussão sobre a memória e seus sentidos. Portanto um dos campos mais desafiadores na utilização das fontes orais, é valer-se da memória dos entrevistados entrecruzando-as com outras fontes documentais, para compreender os fatos abordados (quando a memória é uma das fontes da pesquisa), ou a própria (re)configuração da memória sobre eles (quando a memória é objeto da pesquisa).

No campo da História da Educação, Nascimento (2011) menciona que a utilização das fontes orais nos coloca em contato com as experiências e memórias de professores e alunos.

Como um dos exemplos da utilização das fontes orais na pesquisa em História da Educação, podemos mencionar a dissertação de Mestrado de Melissa Colbert Bello, intitulada Professoras e Professores em Greve: memórias do Congresso do Magistério Público do Paraná (1968), defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Nessa pesquisa, as entrevistas de alguns docentes no movimento de 1968 permitiu a compreensão de que modo cada um participou dele, e o entrecruzamento com outras fontes como os documentos escritos encontrados no Arquivo Público do Paraná, como também o acesso a jornais da época na Biblioteca Pública do Paraná (Figura abaixo), dentre outros, permitiu uma forma de compreender as representações dos movimentos de professores(as) nesse contexto, abordando suas motivações e seu desenvolvimento.

Passeata de Docentes no Dia do(a) Professor(a) em Curitiba, Diário da Tarde (I6 out. I968, capa). Fonte: BELLO, M. C., 20I3, pág. I2.

Ao utilizarmos fontes orais, precisamos considerar que há um longo percurso a ser percorrido, desde a procura dos sujeitos para a entrevista, os contatos, a entrevista propriamente dita, transcrição, análise, considerações e reflexões, como também imprevistos, como falhas na gravação e até mesmo o cancelamento de entrevistas.

Lüdke e André (1986), ressaltam que para a coleta dos depoimentos, são utilizadas entrevistas que podem ser estruturadas ou fechadas, as semiestruturadas ou semiabertas e as entrevistas não estruturadas ou abertas.

Nas entrevistas estruturadas ou fechadas, o pesquisador/entrevistador dispõe de um roteiro sobre o que quer saber do entrevistado. A entrevista é elaborada com perguntas cujas respostas são definidas em meio a alternativas estabelecidas, (são questões objetivas). Nas entrevistas semiestruturadas ou semiabertas, o entrevistador dispõe de um roteiro preestabelecido e apresenta tanto questões fechadas como questões abertas - perguntas que permitem respostas textuais e de forma livre. Já as entrevistas não estruturadas ou abertas, permitem a expressão de forma espontânea do entrevistado, da maneira que lhe convier.

Atualmente, as entrevistas são gravadas com equipamentos digitais (áudio ou audiovisual, até mesmo com um smartphone), e após o término da pesquisa, são arquivados, tornando-se dessa maneira fontes passíveis de outras versões e análises.

Um ótimo exemplo de registros de depoimentos em História da Educação com a utilização das fontes orais, pode ser verificado no Capítulo III - Preservando memórias: A importância da história oral de professores e funcionários aposentados do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná de Carina A. Soares e Priscila Moschetta, do livro Histórias e Memórias sobre Educação, 2016; GONÇALVES, N. G. (Org.). O mesmo pode ser acessado por meio do link: http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/05/livro-historias-e-memorias-sobre-educacao-2016.pdf

Após a coleta das entrevistas, inicia-se o processo de transcrição das mesmas. Soares e Moschetta (2016) ressaltam que o tempo de transcrição de uma entrevista é muito superior ao tempo para gravá-la, pois é necessário "pausar e retroceder a gravação inúmeras vezes para se entender o que é dito, e em alguns casos, o tempo de transcrição tende a ser cinco vezes maior do que o tempo de gravação" (SOARES e MOSCHETTA, 2016, p. 71).

Uma das potencialidades da utilização das fontes orais é reviver as experiências de pessoas pertencentes a uma determinada categoria social, em determinada época e que presenciaram determinado fato ou situação.

Como sugestão de acervos disponibilizados em que há utilização de fontes orais através de depoimentos, sugerimos O Museu da Pessoa, que é um museu virtual e colaborativo, aberto a qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. Possui um acervo de aproximadamente 20 mil histórias de vida e 62 mil fotos e documentos.

Hoje existem inúmeros softwares disponíveis de acesso gratuito para a transcrição automática de áudios das entrevistas, como o Transcribe, o Speechnote, entre outros. Convém ressaltar que essas ferramentas apresentam algumas limitações e não devem substituir completamente o trabalho de transcrição por parte do pesquisador.

O programa educativo do Museu da Pessoa ajuda pessoas, comunidades e organizações a serem produtores, guardiões e disseminadores de narrativas de vida. O programa oferece roteiros e métodos para professores utilizarem histórias de vida em sala de aula, montarem suas próprias coleções de histórias ou lançarem mão do acervo virtual do Museu da Pessoa para produzir materiais pedagógicos. Maiores informações sobre O Museu da Pessoa estão disponíveis no seguinte link: https://museudapessoa.org/

Página inicial do site do Museu da Pessoa. Fonte: www.museudapessoa.org

Outra sugestão é o Museu da Educação do Distrito Federal que possui um acervo de documentos textuais, fotografias e entrevistas. Conta com aproximadamente 300 depoimentos de professores, gestores e estudantes pioneiros da educação pública, disponíveis em suportes de áudio e audiovisual. Após a realização de um breve cadastro na própria página do Museu, é possível ter acesso a todo o material disponibilizado.

Página inicial do Museu da Educação do Distrito Federal. Fonte: http://www.museudaeducacao.com.br/

Esperamos que esse boletim tenha contribuído para um breve entendimento de que História Oral e Fontes Orais não são sinônimos. A História Oral possui procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos, e as fontes orais são uma narrativa na qual a entrevista é o registro que permite reflexões por parte do pesquisador, pois busca através dos depoimentos coletados, elucidar a problemática de interesse.

Ao se trabalhar com as fontes orais, muitos pontos devem ser considerados como por exemplo, o primeiro contato com os entrevistados, a disponibilidade dos mesmos para conceder o depoimento, a elaboração da entrevista, a entrevista propriamente dita e o tempo de transcrição da entrevista.

Mas apesar de ser um pouco trabalhoso todo esse processo, acreditamos que ao se trabalhar com a riqueza dos depoimentos e o entrecruzamento com outras fontes documentais, a utilização da fonte oral permite ter acesso a uma riqueza de detalhes que não estão escritos, principalmente nas memórias de alunos e professores que vivenciam e escrevem a História da Educação no Paraná.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História Oral** - a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

____. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, C. B. et al **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 3ª ed., 2019. p. 155-202.

____. História Oral: aprendendo e vivendo, na teoria e na prática. In: JACÓ-VILELA, A. M.; MESSIAS, M. C. N. (Organizadoras). **Clio-Psyché - Resistências:** Ciência e Política na História da Psicologia, Curitiba: Ed. CRV, 2020, p. 37-49.

BELLO, M. C. **Professoras e Professores em Greve? Memórias do Congresso do Magistério Público do Paraná (1968)**. Mestrado em Educação. UFPR, 2013. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35233/R%20-%20D%20%20MELISSA%20COLBERT%20BELLO.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 14 mai. 2021.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e de contar. **História da Educação**. ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, n.8, p.141-174, set.2000. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143/pdf>. Acesso em: 23 mai. 2021.

ESQUINSANI, R. S. S. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 217-228, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v38n1/ep530.pdf . Acesso em: 31 mar. 2021.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, T. R. História da Educação e Memórias de Professores. **Revista Histedbr On-line**, n. 43, p. 268-284, 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639942/7505 . Acesso em: 30 mar. 2021.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. Disponível em: < http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 6 mai. 2021.

PROPAGANDAS HISTÓRICAS. **Gravador K-7 Portátil**. Disponível em: < https://www.propagandashistoricas.com.br/2014/10/gravador-k-7-portatil-philips-1967.html >. Acesso em: 04 ago. 2021.

SARAT, M.; SANTOS, R. História Oral como fonte: apontamentos metodológicos e técnicos da pesquisa. In: COSTA, C. J.; Melo, J. J. P.; FABIANO, L. H. (Orgs). **Fontes e Métodos em História da Educação.** Dourados: Editora da UFGD, 2010, p. 49-78.

SOARES, C. A.; MOSCHETTA, P. Preservando memórias: A importância da história oral de professores e funcionários aposentados do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. In: GONÇALVES, N. G. (Org.). **Histórias e Memórias sobre Educação:** trajetória e atividades de um projeto de extensão. Curitiba: UFPR - Setor de Educação, 2016. p. 62-80. Disponível em: < http://www.educacao.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2017/05/livro-historias-e-memorias-sobre-educacao-2016.pdf>.

TEIXEIRA, L. C. T.; OTTO, C. Fontes Orais na escrita da História da Educação à luz de Michel de Certeau e Walter Benjamin. **Poiésis**. Tubarão, v. 13, n. 24, p. 462-479, Jul/Dez, 2019. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/7778/4621 . Acesso em: 29 mar. 2021.

VIDAL, D. G. **A fonte oral e a pesquisa em História da Educação:** algumas considerações. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-16, jul, 1998.

XAVIER, A. R.; FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G. História Oral, Micro-história e Fontes. In: **História, Memória e Educação:** aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: Editora da UECE, 2018, p. 57-86.

Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)
Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

EQUIPE

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)
Carlos Wilson de Lima (Geografia)
Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)
Emanuel Diogo Lima dos Santos (História - Bolsista Extensão)
Isabella Aparecida Pinto Lopes (História - Bolsista Extensão)
Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia - Bolsista Extensão)

CONTATO

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em: http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/

Diagramação: Moara Milléo